
DIVULGANDO PROJETOS E EXPERIÊNCIAS

UMA PROPOSTA DE ATUAÇÃO DO TERAPEUTA OCUPACIONAL NA ATENÇÃO À CRIANÇA E AO ADOLESCENTE NAS UNIDADES DA FUNDAÇÃO CIDADE MÃE⁽¹⁾

Adriana Miranda Pimentel⁽²⁾

PIMENTEL, A.M. Uma proposta de atuação do terapeuta ocupacional na atenção à criança e ao adolescente nas unidades da fundação cidade mãe. *Rev. Ter. Ocup. Univ. São Paulo*, v.11, n.2/3, p.95-100, maio/dez., 2000.

RESUMO: Este artigo trata de um trabalho que vem se realizando na área de educação, entre o Curso de Terapia Ocupacional da Escola Baiana de Medicina e Saúde Pública e as unidades da Fundação Cidade Mãe, tendo como objetivo demonstrar uma experiência que vem se dando junto às organizações de atenção à criança e ao adolescente da cidade de Salvador e a possibilidade de atuação do terapeuta ocupacional.

DESCRITORES: Terapia ocupacional/recursos humanos. Serviços de saúde a adolescentes/recursos humanos. Serviços de saúde infantil/ recursos humanos.

Num primeiro momento, gostaria de agradecer o convite para estar neste evento e dizer que, para nós, terapeutas ocupacionais, que estamos na região Nordeste, frente a um trabalho de atenção à criança e ao adolescente em situação de risco pessoal e social, está sendo muito importante criar canais de comunicação como este, poder discutir, trocar experiências, enfim, não nos sentirmos tão solitários, principalmente dentro de uma proposta ainda pouco explorada, ainda muito desconhecida pra nós terapeutas ocupacionais e também pra quem hoje trabalha com esta categoria social.

Ser terapeuta ocupacional, paulistana, na cidade de Salvador da Bahia. Fui ao encontro a alguma coisa que

ouvi falar. Fui ao encontro com um jeito que eu gostaria de viver, ser, sei lá...! Prazer, sentir prazer..., na cidade dita dos prazeres, misturada com algo que eu gostaria muito de conhecer e vir a desenvolver. Hoje, com dois anos e meio de Bahia, tenho algo mais a dizer sobre ela, mas me dá muito prazer estar nela e sinto que a minha intuição estava certa quanto ao que imaginava encontrar.

Comecei por este ponto, porque acredito que é dele que devo partir para poder apresentar aqui uma proposta de atuação do terapeuta ocupacional e, mais do que isto, um modo de trabalhar como terapeuta ocupacional na atenção à criança e ao adolescente na cidade de Salvador através das unidades da Fundação Cidade Mãe.

A cidade de Salvador é hoje uma metrópole que

⁽¹⁾ Íntegra da palestra apresentada na II Jornada de Terapia Ocupacional HC-FMUSP, outubro de 1999.

⁽²⁾ Mestranda em Saúde Coletiva na Universidade Federal da Bahia. Professora auxiliar do Curso de Terapia Ocupacional da Fundação para o Desenvolvimento da Ciência – Escola Baiana de Medicina e Saúde Pública.

Endereço para correspondência: Adriana Miranda Pimentel. Rua Fonte do Boi, 55 - Apto.101. 41940-360 Salvador, BA. e-mail: dricapi@ufba.br

abarcas muitas contradições. Um dos fatores que pode ser remetido a isto, data de sua fundação, marcada por um processo de colonização e profunda exploração decisivo para a compreensão deste trabalho. Uma cidade que, pouco a pouco, foi recebendo povos das mais diferentes etnias, culturas e histórias, que foram compondo o que atualmente denominamos de cultura baiana.

É importante ressaltar que, dentro da chamada cultura baiana, existe muito mais que uma forte influência da cultura africana, pois a Bahia vai além da sua capital e esta sim foi marcada fortemente pelos negros trazidos de diversos países africanos para constituir e desenvolver o que hoje é esta cidade. Nela hoje, se encontram imigrantes oriundos de diversos pontos da Europa, interioranos que chegam buscando melhores condições de vida, turistas que decidem ficar, em qualquer época do ano, de várias localidades do país e, como não poderia deixar de citar, os soteropolitanos. Estes, têm muito o que contar. Falam da sua cidade com orgulho. Da beleza e descontração, dos seus costumes, dos novos e velhos ídolos, do ritmo, do seu jeito de se sentir brasileiro e talvez sejam, entre nós brasileiros, um dos povos mais regionalistas revelando nos adesivos de seus carros, faixas e *outdoors*: “orgulho de ser nordestino”.

É nessa composição que outros saberes se integram e vão se adaptando pouco a pouco ao saber local. Outros atores vão contribuindo e trazendo suas experiências, enriquecendo e também produzindo contradições. Mas não somente disso vive a bela Salvador. Ela, como também outras metrópoles, sofre as conseqüências de um país em crise, que produz diariamente índices alarmantes decorrentes da pobreza e miséria da população.

Sabemos que a década de 1980 foi marcada por um aumento nos níveis de pobreza e uma piora significativa na distribuição de renda. Alguns estudos mostram que as regiões Sudeste e Nordeste, são as mais preocupantes quanto à problemática das crianças e adolescentes. Estas regiões são apontadas por SABÓIA (1993)¹⁰, como sendo aquelas em que as crianças vão mais cedo para as ruas, entre 9 e 11 anos de idade. Segundo dados do IBGE, Salvador teve os piores índices de desigualdade quanto à distribuição de renda e quanto a pobreza que vem atingindo, com maior intensidade, os jovens (entendidos aqui como crianças e adolescentes até 17 anos de idade). O grupo de jovens mais atingido é aquele que vive em famílias chefiadas por mulheres sem cônjuge, e que, conseqüentemente, dispõe de uma menor renda.

Dados de 1998 da Organização Panamericana de Saúde e Organização Mundial de Saúde, “permitiram pontuar a privação econômica extrema, os conflitos familiares, os antecedentes familiares de problemas do compor-

tamento e a falta de um ambiente protetor como fatores de risco comuns à maioria dos casos de abuso de substâncias, delinquência, gravidez e evasão escolar observados em adolescentes” (OPS/OMS, 1998, p.76)⁸.

Percebemos que se faz necessário fazermos algumas considerações sob a situação atual de adolescentes e jovens, no contexto das políticas públicas, para podermos assim, compreender melhor suas particularidades. Cabe-nos aqui salientar, que a adolescência tornou-se uma categoria relevante a partir da segunda metade deste século e para a medicina apenas após a década de 70 (AYRES, 1990)¹.

Mas é a partir do ano de 1985 que a Organização Panamericana de Saúde publicou o livro “A saúde do jovem e do adolescente nas Américas”, como aporte ao Ano Internacional da Juventude (OPS/OMS, 1995)⁷. Desde então, programas em diversos países da América Latina e Caribe foram se desenvolvendo no que denominou-se Saúde Integral do Adolescente. No Brasil, o Ministério da Saúde oficializou o “Programa Saúde do Adolescente” e suas bases programáticas em 05 de outubro de 1988 em cumprimento à Constituição (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 1996)⁹. Vários programas foram sendo desenvolvidos em algumas capitais do país com características diferentes. Em 1990, com a aprovação do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA)⁵, pudemos presenciar a criação de diversas organizações não governamentais e movimentos organizados em favor da criança e do adolescente, como forma de garantir os direitos conquistados e de promover a assistência de forma condizente com as suas reais necessidades (CARVALHO; TEIXEIRA, 1998)⁴.

Em um estudo de AYRES (1990)¹, obtivemos algumas informações sobre a situação de jovens atendidos em serviços de saúde, que foi realizado através dos prontuários destes serviços. Pudemos perceber que estas informações se limitam à investigação quanto a possíveis “desvios” ou ocorrência de doença e não para a compreensão das características sociais da adolescência. Este dado pode ser um reflexo de como os serviços vêm esta categoria ainda de uma forma biologicista e organicista. AYRES¹ faz referência, também, à ausência de dados sobre o modo de vida dos jovens e sobre como dispõem do seu tempo no cotidiano.

Estas informações nos auxiliam para compreender como a atenção à criança e ao adolescente vem se constituindo e como toma o formato que, em Salvador particularmente, se desenha. Sabemos que muitas são as ações e organizações que prestam serviços à criança e ao adolescente nesta cidade, em particular, a partir do ano de 1990 com o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA)⁵. Através dos estudos de que dispomos, pudemos também

perceber os principais eixos que determinam a demanda de saúde. São estes: o processo de crescimento e desenvolvimento, a sexualidade, as relações familiares e afetivas e a formação escolar e profissionalizante, que norteiam a vida social, cultural e emocional desta população (AYRES, 1990)¹.

É a partir da década de 1990, período marcado por um profundo descaso do Estado frente às questões que afligem a população como um todo; carente de políticas sociais que subsidiem suas necessidades desde às mais básicas como moradia, alimentação, educação e saúde como às de lazer, culturais e de trabalho; que surgem, através da iniciativa da sociedade civil, em sua maioria, programas alternativos, com diferentes enfoques, porém que objetivam a educação para a cidadania voltada para o jovem.

Data desta década a crescente manifestação de organizações não governamentais prioritariamente e governamentais em todo o país e é neste contexto que se deu a criação da Fundação Cidade Mãe⁶, tendo como parâmetro para sua institucionalização, a pedagogia do Projeto AXÉ.

A Fundação Cidade Mãe⁶ foi criada em 1995 para atender, prioritariamente, crianças e adolescentes em situação de risco pessoal e social, através das Empresas Educativas e Casas de Acolhimento Noturno Provisório, que são as suas unidades de atendimento. As Empresas Educativas se situam em bairros populares da cidade de Salvador e propõem oficinas profissionalizantes e culturais, definidas em relação às necessidades e particularidades de cada localidade. Estas empresas apresentam uma proposta de formação que abrange o universo de questões e necessidades da criança e do adolescente em seu contexto histórico, político e cultural. As Casas de Acolhimento Noturno, D. Timóteo Amoroso Anastácio, para meninos e de Oxum, para as meninas, se situam na região central da cidade e atendem aos meninos e meninas que estão em processo de negociação com suas famílias para o retorno à casa. As unidades de acolhimento destinam-se aos meninos e meninas que estejam vinculados aos demais projetos e organizações da cidade, como forma de dar-lhes proteção no período noturno até que sejam retomados os vínculos familiares.

Acredito que com esta apresentação inicial será possível compreendermos melhor como se realiza o trabalho com os estagiários do Curso de Terapia Ocupacional da Escola Baiana de Medicina e Saúde Pública nesse espaço.

É importante salientarmos que o Curso de Terapia Ocupacional desta Escola foi reaberto a aproximadamente seis anos e a primeira turma concluiu o curso em 1998.

Neste ano, foram realizados convênios para a realização de estágios curriculares e entre estes com a Fundação Cidade Mãe, onde temos desenvolvido o estágio na área de educação.

Os alunos passam, durante o primeiro semestre, sessenta horas em uma das unidades da FCM, que poderá ser Empresa Educativa ou Casa de Acolhimento, e, no segundo semestre, alguns optam pelo estágio na área que abrange 180 horas. Com isto, o estágio pretende que o aluno de graduação aprofunde seu conhecimento em relação à problemática da criança e do adolescente em situação de risco, no que diz respeito às necessidades básicas desta clientela como educação, saúde, lazer e garantia de direitos. Através de ações educativas, sócio-pedagógicas e formativas, pretende-se que estes meninos e meninas, junto aos educadores (técnicos em costura industrial, mecânica de autos, informática, marcenaria, horta e jardinagem, vídeo, teatro, dança, capoeira, panificação, entre tantas outras, a depender da Empresa Educativa), reconheçam as situações que comprometem o seu estar no mundo e assim promovam mudanças.

Nas Empresas Educativas, as estagiárias acompanham educandos e educadores no trabalho realizado em cada oficina. Nestas, discutem-se as intervenções necessárias para cada situação vivida. Realizam-se, assim, desdobramentos das formações educativas que vão se desenvolvendo ao longo do ano por técnicos de diferentes entidades parceiras da FCM como: adolescência e suas transformações, sexualidade, relações de trabalho, mercado, emprego, desemprego e subemprego, questões de gênero, classe e religião, Estatuto da Criança e do Adolescente, cidadania, DST/AIDS, relacionamento pais e filhos, substâncias psico-ativas, violência e discriminação, estereótipos e preconceitos. As palestras contribuem para a exposição dos assuntos de relevância a serem trabalhados com os meninos e meninas, mas é na oficina, com cada grupo, que estas questões tomam forma e se debruçam sobre a realidade vivida no cotidiano. Durante as atividades e dinâmicas, os meninos e meninas, podem confrontar suas histórias e situações de vida, compartilhar experiências e buscar formas de transformar a realidade. É também no grupo que outras questões vão aparecendo como as diferenças, as escolhas, a dificuldade no aprendizado, as queixas quanto ao cotidiano difícil da casa, da família, da escola e das relações interpessoais.

Neste momento, entramos em contato com muito mais do que pensamos saber sobre adolescentes e jovens. Muito mais do que vem sendo descrito e proposto sobre estes meninos e meninas nos programas de saúde, propostas de atenção ou manuais educativos.

Temos observado que, muitos técnicos e educadores que vêm desenvolvendo trabalhos com adolescentes, têm enfatizado aspectos deste período da vida como a crise da adolescência, a sexualidade, os riscos a que estão sujeitos, e assim, têm dado menos importância à potencialidade desta fase da vida e às diferenças existentes entre os diversos atores que a compõem, sua subjetividade, estilos de vida, condições sócio-econômicas e culturais.

Em uma formação como “Adolescência e suas transformações”, pode-se desenvolver muito mais sobre a adolescência que, os riscos e juízos de valor que possam permear esta fase da vida. Cabe-nos, refletir sobre as reais possibilidades e necessidades dos jovens baianos valorizando sua cultura e os valores aos quais estão submetidos socialmente para alcançarmos, de fato, mudanças significativas no contexto das políticas públicas de atenção aos adolescentes e jovens.

É, através das conversas informais, do vínculo com os meninos e meninas, dos desdobramentos realizados junto ao seu grupo, que é possível conhecer e compreender melhor o universo destes meninos e meninas e assim propor intervenções mais condizentes com suas particularidades e necessidades. Daí a importância destes espaços de troca, sugeridos em relatórios, como forma de serem priorizados na prática cotidiana da Empresa.

Alguns relatos de estagiárias demonstram mudanças significativas nas posturas e no aproveitamento do conteúdo programático por parte de alguns educandos, devido ao processo de construção do vínculo com seu grupo e educador, da convivência sadia no dia a dia e da possibilidade de um espaço de escuta no próprio grupo. Ressaltam alguns momentos fora da oficina como nos passeios externos ou nas dinâmicas de grupo onde puderam ser desenvolvidos temas de interesse do grupo específico, como sendo fundamentais para a expressão e modificação de atitudes e posturas que inviabilizavam o aprendizado e a interação com os colegas.

Nos relatos das estagiárias, percebemos como os passeios a *shoppings centers*, ao zoológico, retratam um desconhecimento pela cidade em que vive o educando e, em particular, um desconhecimento do quanto é um cidadão desta cidade. Através da janela do ônibus ele identifica a praia e percebe que não a conhece. Identifica os bairros que já ouviu falar. Identifica os lugares e se intimida. Identifica o outro que o observa e o reprova. Observa e é observado. Aí ele reflete sobre a sua condição de vida, sobre morar em Pau da Lima e a distância que o separa de Ondina, Iguatemy, entre outros. Não compreende quando não é compreendido por este outro e que o reprova sem conhecê-lo. E a minha cidadania? E os

meus direitos? Sou mesmo cidadão deste mundo? Desta cidade? São questões que nós também nos colocamos quando tentamos “ensinar” cidadania. A cidadania dos livros, do ECA, dos especialistas em Formação para a cidadania é muito importante, mas é a cidadania vivida no dia a dia, no acesso aos bens e serviços, aos espaços públicos que está ainda muito distante.

Além do trabalho realizado junto às oficinas, as estagiárias desenvolvem o reconhecimento dos equipamentos de saúde, das organizações de bairro, das entidades de base eclesial e projetos comunitários que possam ser somatórios ao processo vivido na Empresa, a fim de promover uma maior integração destes equipamentos com os meninos e meninas da região.

Muitas são as questões trazidas pelos estagiários, em particular no primeiro semestre do estágio: “O que faremos?”; “É difícil trabalhar com meninos e meninas que não estão doentes ou que não apresentam algum tipo de deficiência?”; “Será que eu consigo?”; “É mais “fácil” trabalhar com a doença”. Estas são falas dos relatórios e dos momentos de supervisão. Daí então, partimos para conhecer o espaço, conhecer os meninos e meninas, estar com eles de fato, conhecer suas histórias e a bagagem que trazem. Em seguida, planejamos nossas ações dentro das situações que vão se desenhando.

Pode ser que um trabalho sobre gravidez na adolescência inicie-se com uma oficina de informática e aí vai um longo percurso. Uma visita ao Centro de Saúde, para conhecer, se transforma em um passeio – andar no carro da estagiária! Algo mudou depois disto. Canais se abrem e novas questões aparecem que não surgem em uma palestra em sala de aula. Percebemos que as meninas sabem como se prevenir, como pegam AIDS, DST, ou como engravidam, mas tem algo mais que não conseguimos chegar através das palestras. Só através da convivência esse algo mais aparece pouco a pouco. Chamando, escutando, merendando (como eles dizem), na brincadeira de banho de mangueira nos dias quentes ou na roda de capoeira, maculelê, as coisas vêm e acontecem de outro jeito – um jeito baiano? Não sei. Mas com certeza um jeito bom de estar junto e de tentar resolver os problemas.

Diz uma estagiária: “Ao serem ouvidos seus desejos e terem respostas para suas dúvidas, cria-se uma responsabilidade com o próprio fazer, diante da possibilidade de que haja mudanças a partir de suas reflexões”.

Já nas Casas de Acolhimento o movimento se configura de outra forma. Lá os estagiários estão também no período noturno, num momento em que os meninos chegam cansados de um dia que nós, educadores, não te-

mos qualquer conhecimento. Não sabemos como se deu, se nas ruas, se nos projetos onde deveriam estar freqüentando, se passaram fome, se usaram drogas, se namoraram, se cometeram algum delito, se passearam pelos parques, se brincaram, se trabalharam, se deram uma passadinha em casa ou se tudo isto foi feito num mesmo dia. Chegam com histórias ou sem histórias pra contar, calados ou inquietos, sorridentes ou com muita raiva, mas com certeza, cada um traz um pouco de si para aquela casa.

O acolhimento é sempre uma incerteza. Chegam através do Conselho Tutelar ou dos projetos que estão inseridos e já conhecem a rotina da Casa: anotar os pertences, guardá-los, tomar banho, jantar, lavar as roupas do dia e a atividade. Este último, é um momento de muita negociação, onde se confrontam expectativas, interesses e necessidades diferentes, tanto dos educandos quanto dos educadores. Cada Casa tem a sua identidade, o seu movimento, a sua particularidade e não sabemos ao certo se isto se deve ao fator gênero, ao número diferenciado de meninos e meninas nas Casas, características dos educadores de cada Casa ou à trajetória de cada uma delas. As estagiárias também referem isto muitas vezes quando descrevem situações e comparam os movimentos de cada Casa. As atitudes se modificam, o ritmo, as interpretações, as posturas, a dinâmica e devido a isto se requer um novo modo de agir e de lidar com as questões que vão aparecendo.

Oxum tem em média de seis a dez meninas e o trabalho pode ser planejado, discutido e dirigido às necessidades de acompanhamento determinadas pelas equipes de educadores. Timóteo tem em média de quinze a vinte e cinco meninos. As propostas nem sempre podem ser sugeridas, quase sempre são modificadas. É difícil trabalhar em grupo. Os meninos circulam pela Casa pegando jogos, querendo ver TV, jogando capoeira, indo dormir devido ao cansaço.

Questões surgem como: Quais os objetivos da Casa? Será que podemos contribuir? Temos outro papel neste local? Quero entender porque estão aqui. Onde ficam durante o dia? O que faz um menino ir pra rua e outro não? Como estão integradas as organizações que atendem às crianças e adolescentes na cidade? Como se organizam as políticas sociais e de saúde para os adolescentes? Enfim, muitas questões emergem. E aí referem: “É bom estar com os meninos! Puxa, há tanta coisa pra fazer...! É nesse momento que começa o namoro que se transforma em trocas de experiências, em contar histórias pra dormir, em jogos, brincadeiras, teatro de novela, festas e muito talento de toda a Casa de Acolhimento.

Fomos observando que esta rotina não se baseia

apenas em regras e procedimentos a serem seguidos e cumpridos, mas muito mais que isto pôde ser percebido. Todos estes procedimentos são momentos fundamentais para melhor conhecer os meninos e meninas que ali chegam ou que já estão por algum tempo, suas histórias, seu cotidiano, suas queixas, suas idéias, sentimentos, expectativas, enfim, são estes momentos em que se é possível começar a pensar nas possíveis estratégias para intervir sobre as questões que emergem a todo instante. Destes momentos, surgem propostas, questionamentos e intervenções que poderão vir a ser a base que estrutura este trabalho. Quando estas atividades cotidianas, sejam elas lúdicas, recreativas, de lazer ou educativas, são refletidas e discutidas, o trabalho se desenvolve com outro enfoque e podem assim contribuir para alcançar os objetivos que a Casa se propõe.

Os estagiários também trazem suas expectativas e dúvidas e que são descritas como: “O que é que posso fazer neste local de estágio?”; “O que existe a respeito de terapia ocupacional em educação?”; “Como pode ser nossa atuação: terapeuta ocupacional ou articulador social?”. Parecem confusos no primeiro semestre. Se distanciam, criticam a formação, a instituição, a problemática da infância e da adolescência, e em outro momento se permitem ir entrando pouco a pouco, mostrando e descobrindo que sabem fazer e que podem fazer.

Um outro momento fundamental do estágio, são as visitas à alguns equipamentos da cidade de atenção à criança e ao adolescente que estão ou transitam pelas ruas. Escolhemos alguns deles que têm sido de referência para o trabalho que é realizado nas Casas de Acolhimento como: uma Unidade do Projeto AXÉ como, por exemplo o trabalho desenvolvido pelos educadores de rua, o Conselho Tutelar (unidade de Roma), o Projeto Cidadania Solidária da FCM, o Centro de Referência Integral de Adolescentes (C.R.I.A.) e o Movimento de Intercâmbio Artístico Cultural (MIAC).

Após as visitas, as estagiárias começam a ver o trabalho desenvolvido nas Casas de uma outra forma. Passam a demonstrar um maior interesse pelas questões pessoais de cada menino e menina, pelos projetos aos quais estão envolvidos, os programas de atendimento aos quais estão submetidos e como estes meninos e meninas se relacionam com tantos atores e dinâmicas diferentes no seu cotidiano. São regras, normas, atitudes, posturas, conceitos que têm que apreender e se relacionar. Assim também vai acontecendo com as estagiárias desde o início do estágio até o seu término. Vão “desaprendendo” algumas coisas e descobrindo outras com a prática, vão questionando a literatura e vão sentindo a necessidade de confrontar a realidade ao que apenas sabem na teoria, vão percebendo a necessidade

de relacionar os conhecimentos e métodos com as reais necessidades dos meninos e meninas, vão se surpreendendo a cada dia e resignificando essas surpresas para que sua atuação seja produtora de sentido. Vão percebendo a necessidade de serem mais flexíveis e mais reflexivas em particular com este universo que não têm caminhos certos, mas

que se constrói a cada instante e só assim é possível ser construído. Vão se percebendo também como educandas e como tais, com muito ainda a aprender e descobrir, mas com um desejo e satisfação pela experiência que só pôde acontecer, por ter sido compartilhado com todos que fazem, a cada e a cada noite, estes espaços existirem.

PIMENTEL, A.M. An occupational therapy actuation proposal for children and adolescents care developed at the "Fundação Cidade Mãe". *Rev. Ter. Ocup. Univ. São Paulo*, v.11, n.2/3, p.95-100, maio/dez., 2000.

ABSTRACT: This article is about a project which has being developed in the field of education, between the graduation course of Occupational Therapy of the "Escola Baiana de Medicina e Saúde Pública" and the "unidades" of the "Fundação Cidade Mãe". It weans to describe (show) na experience which in happening among the organizations which deal with children and adolescents care in Salvador and the possibility of Occupational Therapy intervention (actuation).

KEYWORDS: Adolescent health services/manpower. Child health services/manpower. Occupational therapy/manpower.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. AYRES, J.R. de C.M. Adolescência e saúde coletiva: aspectos epistemológicos da abordagem programática. In: SCHRAIBER, L., org. *Programação em saúde hoje*. São Paulo: Hucitec, 1990. (Saúde em debate – série didática)
2. BAHIA. ANÁLISE & DADOS (Salvador), SEI, v.8, n.1, jun. 1998.
3. BRASIL. Ministério da Saúde. *Jovens acontecendo na trilha das políticas públicas*. Brasília: CNPD, 1998. v. 1.
4. CARVALHO, J.; TEIXEIRA, L. (1998) As ONGs e as mudanças nas funções do Estado brasileiro contemporâneo. In: BAHIA. ANÁLISE & DADOS (Salvador), SEI, v.8, n.1, jun. 1998.
5. ESTATUTO DA CRIANÇA E DO ADOLESCENTE. Lei n.8.069, 1990.
6. FUNDAÇÃO CIDADE MÃE (1996) – Relatório (mimeo).
7. OPS/OMS. *La salud del adolescente y del joven*. Washington, D.C., 1995. (Publicación científica, n.552).
8. OPS/OMS. *La salud de las Américas*. Washington, D.C., 1998. v.1.
9. MINISTÉRIO DA SAÚDE. *Programa de Saúde do Adolescente. Bases programáticas*. 2.ed. Brasília, 1996.
10. SABÓIA, J. Distribuição de renda e pobreza metropolitana no Brasil. In: MINAYO, M.C. de S., org. *O limite da exclusão social: meninos e meninas de rua no Brasil*. São Paulo : Hucitec/Abrasco, 1993. p.31-64
11. SCHRAIBER, L.B. *Programação em saúde hoje*. São Paulo: Hucitec, 1990. (Saúde em debate – série didática).

Recebido para publicação: 22/02/2000

Aceito para publicação: 24/03/2000